

DOI: 10.46943/IX.CONEDU.2023.GT09.001

A ESCUTA DOS BEBÊS E DAS CRIANÇAS PEQUENAS NA UNIDADE DE EDUCAÇÃO INFANTIL IPÊ AMARELO

DALIANA LÖFFLER

Doutora pelo Curso de Doutorado em Educação da Universidade Federal de Pelotas- UFPel, daliana.loffler@ufsm.br;

VIVIAN JAMILE BELING

Mestre pelo Curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, vivian.beling@ufsm.br.

RESUMO

Este texto compartilha alguns resultados da pesquisa “A escuta dos bebês e das crianças pequenas na Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo” cujo o objetivo foi investigar a construção, ao longo do tempo, do processo de escuta dos bebês e crianças pequenas na referida Unidade. O projeto justificou-se pela necessidade de valorizar as práticas educativas com bebês e crianças pequenas, rompendo com a ausência desse grupo social nas pesquisas. Considerando que a escuta das crianças é um dos princípios que orienta a prática pedagógica na instituição procuramos ouvir, tendo como referencial metodológico a investigação da experiência educativa, profissionais que atuaram na Unidade em diferentes épocas, traçando assim, um panorama de como o processo de escuta das crianças foi se constituindo e configurando-se elemento fundamental da prática educativa, em especial no que se trata da presença de bebês e crianças pequenas. Os resultados da pesquisa apontam para a instituição como o local em que as profissionais aprenderam a trabalhar a partir da escuta das crianças, contribuindo para uma mudança na concepção sobre o exercício da docência na Educação Infantil. Configura-se ao longo dos anos e na atualidade, em especial a partir do reconhecimento da Unidade como Colégio de Aplicação, o desafio de qualificar os processos formativos de modo que todas as pessoas envolvidas na prática educativa com as

crianças, além dos professores consigam compreender e organizar o trabalho pedagógico a partir da escuta das crianças.

Palavras-chave: Bebês, Crianças pequenas, Escuta, Docência, Educação Infantil.

INTRODUÇÃO

O projeto “A escuta dos bebês e das crianças pequenas na Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo” (UEIIA), foi, desde 2017, sendo uma estratégia para valorizar as práticas com bebês e crianças pequenas na Unidade. Outro aspecto que justifica o tema de pesquisa está relacionado com o fato de que a maior parte das pesquisas que contemplam os bebês e as crianças pequenas tem como principais categorias temáticas a formação profissional, as relações entre políticas públicas e práticas pedagógicas, e as interações conforme pesquisa realizada por Silva (2014). O projeto teve como objetivo geral investigar a construção, ao longo do tempo, do processo de escuta dos bebês e crianças pequenas na referida Unidade, considerando a investigação da experiência educativa como aspecto metodológico.

Em 2017 os participantes do projeto iniciaram alguns estudos para a compreensão do tema a partir da produção acadêmica que teve a UEIIA como lócus de investigação, além de outros textos que fundamentaram teoricamente a pesquisa. Naquele ano o grupo era composto por aproximadamente sete pessoas por encontro. Em 2018 o projeto contou com o apoio financeiro do Programa Especial de Incentivo à Pesquisa para o Servidor Mestre (PEIPSM) através de uma bolsista e intensificaram-se os estudos na produção acadêmica desenvolvida na UEIIA, investigou-se os registros de chamada das crianças arquivados na UEIIA e realizou-se entrevistas não-diretivas com as pessoas que atuaram com bebês e crianças pequenas ao longo dos anos na UEIIA. Enquanto isso, percebíamos a necessidade do desenvolvimento de ações formativas vinculadas ao projeto, então iniciaram-se os encontros de estudos para a discussão de assuntos relacionados a tema do projeto, e desse modo, as pessoas que nos acompanhavam até então, passaram a participar dos encontros de estudos, juntamente com outras pessoas da Unidade e acadêmicas dos Cursos de Pedagogia e Educação Especial que não possuíam vínculo com a UEIIA, gradativamente o grupo foi aumentando, já estávamos com aproximadamente doze pessoas.

Em 2019, iniciou-se o processo de análise das entrevistas realizadas em 2018 e aprofundamos as discussões nos encontros de estudos. O grupo, naquele ano, ampliou consideravelmente, tanto em número de pessoas quanto na diversidade, uma vez que passou a contar com a participação de professoras da rede Municipal de Santa Maria, que são gestoras e/ou docentes em turmas de berçário, representando duas escolas municipais. Em 2019 éramos em torno de vinte e cinco

peessoas nos reunindo mensalmente, ao final da tarde, depois de um dia inteiro de trabalho com as crianças, para discutir e pensar teoricamente os bebês, pois para cada encontro tínhamos um texto que subsidiava nossas discussões. No ano de 2020 o desenvolvimento das ações de pesquisa ficaram comprometidas em função da pausa nas atividades presenciais causada pela Pandemia do Covid-19. Embora as participantes apontaram de forma unânime, a importância de viabilizar os estudos em 2020, mesmo que de forma remota, isso não foi possível em função da necessidade de conciliar as demandas do trabalho com as atividades domésticas/familiares da coordenação do projeto. No ano de 2021 desenvolvemos uma ação de formação continuada de forma remota e na sequência finalizamos o projeto.

Após essa breve introdução, de como se organizaram as ações do projeto, daremos sequência à escrita apresentando os aspectos metodológicos, a instituição na qual a pesquisa foi desenvolvida e na sequência alguns aspectos que foram encontrados nas entrevistas com as pessoas que trabalharam na Unidade, dando ênfase ao papel da instituição na mudança das concepções de docência na Educação Infantil, sendo portanto, um lugar no qual é possível aprender sobre a docência com as crianças. Finalizamos o texto apresentando algumas conclusões, dando ênfase à instituição como espaço formativo.

METODOLOGIA

Ao longo dos anos os bebês estiveram presentes na UEIIA através das diferentes formas de organizações das turmas, tanto em agrupamentos próprios quanto em agrupamentos multi-etários, porém, isso não acontecia de modo constante, ou seja, nem todos os anos havia uma turma de berçário, ou haviam bebês nas turmas multi-idade. Diante dessa constatação e considerando que a escuta das crianças é um dos princípios orientadores da prática educativa desenvolvida na instituição, tornou-se pertinente investigar como foi ocorrendo o processo de escuta dos bebês na Unidade. Nesse sentido, a pergunta que se fez à realidade investigada foi ***como foi construído, ao longo do tempo, o processo de escuta dos bebês na Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo?*** A partir desta questão central, surgiram outras que foram ampliando as discussões no decorrer da pesquisa:

- Como e porque se constituíram turmas de e com bebês na Unidade?
- Quais são os desafios implicados no processo de escuta dos bebês?

- Quais são as especificidades do processo de escuta nas turmas de e com bebês?
- O que as professoras que atuaram e atuam em turmas de e com bebês tem a nos dizer sobre este processo de escuta?

Partindo da problemática de pesquisa teve-se como objetivo geral investigar a construção, ao longo do tempo, do processo de escuta dos bebês na UEIIA. Como objetivos específicos traçamos a) investigar a constituição das turmas de e com bebês; b) refletir de que forma a escuta dos bebês aparece no planejamento e na documentação pedagógica da Unidade e dialogar com as professoras que já atuaram em turmas de e com bebês na Unidade, sobre o processo de escuta dos bebês. Para dar conta do problema e dos objetivos traçados, optamos por desenvolver uma investigação da experiência educativa. Na perspectiva de CONTRERAS Y LARA (2010) esse tipo de pesquisa implica em estar próximo do que se vive, pois independente do foco da investigação, ele somente poderá ser compreendido se for percebido, antes de tudo como “vida vivida, como experiência vivida” (p. 23), colocando em primeiro plano as múltiplas faces das vivências que compõem a experiência educativa. Para os autores, compreender a educação enquanto experiência e investigá-la, permite questionar aspectos relacionados à realidade educativa investigada. Neste caso, a pergunta que se faz a realidade investigada é: como foi construído, ao longo do tempo, o processo de escuta dos bebês na Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo? A investigação foi uma oportunidade para refletir pedagogicamente sobre a construção do processo de escuta dos bebês na UEIIA. Contreras y Lara (2010) pontuam que na investigação da experiência educativa “investigamos como educadores”, primeiro, conforme os autores, não somos investigadores que observam a vida, mas que a ocupam e essa condição traz consigo a possibilidade de autorreflexão sobre a experiência educativa.

Para responder ao problema proposto, num primeiro momento, foi realizado um “levantamento documental” inspirado na técnica de pesquisa documental. Segundo Gil (2008) a pesquisa documental tem como fonte de dados documentos que ainda não receberam um trato analítico ou aqueles que já foram analisados, podendo receber outras interpretações. Os documentos oriundos desse levantamento foram analisados a partir dos princípios de identificação das fontes, dos aspectos a serem abordados no documento, leituras e fichamentos, apontados por de Ludke; André (1986) e Pimentel (2001) para a análise documental. No caso

desta pesquisa os materiais consultados foram aqueles fornecidos pela escola como listas de chamada e Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs), Monografias, Dissertações e Teses que tiveram a UEIIA como lócus de pesquisa. Destacamos que pelo fato de a UEIIA atender ao tripé ensino, pesquisa e extensão constitui-se em um espaço de estágios e de pesquisa para os cursos de graduação e pós-graduação, o que viabiliza a produção de uma série de estágios e pesquisas, por isso julgamos pertinente realizar uma análise documental deste tipo de trabalhos. Tanto as listas de chamada quanto os trabalhos acadêmicos foram localizados através de busca nos arquivos da escola, com autorização institucional e de busca nos sites da Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Maria, e Biblioteca Setorial do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria. A análise desses documentos teve o propósito de resgatar e sistematizar a história referente a construção das turmas de berçário, bem como o processo de escuta dessas crianças desde a configuração das primeiras turmas, sendo que, ao final da pesquisa, esse material poderá ser utilizado para qualificar a Proposta Pedagógica da escola no que se refere ao trabalho com bebês.

Os dados obtidos da referida análise documental foram postos em diálogo, ao longo da pesquisa, com as informações provenientes de entrevistas não diretiva (Michelat, 1982), realizada com as professoras que já atuaram na escola, e as que estavam atuando, em turmas de e com bebês naquela ocasião. Entendemos que a entrevista não diretiva se apresenta como uma possibilidade de diálogo mais aberta entre entrevistador e entrevistado. Nessa técnica de entrevista, não existe o movimento de pergunta-resposta, o que também não elimina o rigor metodológico na organização do momento da entrevista. Desse modo, o entrevistador precisa estar preparado teoricamente para conduzir a entrevista conforme as informações que o entrevistado estiver apresentando. Nessa perspectiva de entrevista, não existe uma definição *a priori* de categorias a serem analisadas, mas uma possibilidade de construção de sentidos e significados a partir aquilo que foi sendo identificado pelo entrevistador. As entrevistas foram gravadas, transcritas e posteriormente compartilhadas com as entrevistadas para que pudessem conferir o conteúdo transcrito. Esse material, juntamente com os registros da entrevistadora sobre a ocasião da entrevista, foi analisado numa perspectiva de interpretação, juntamente com as informações obtidas do levantamento bibliográfico.

Durante o processo de entrevista, apresentou-se às entrevistadas algumas questões que orientaram a conversa entre elas e a entrevistadora. Nesse sentido,

a estrutura apresentava três (3) partes: uma relacionada a identificação da entrevistada com informações relativas a idade, processos formativos e o período de atuação na UEIIA, uma relacionada a contextualização do tema com informações referentes ao papel do professor de bebês e crianças pequenas, impressões sobre o tema “escuta de bebês e crianças pequenas” e a relação entre a escuta de bebês e crianças pequenas e o papel do professor e uma terceira parte relacionada com as percepções que as entrevistadas possuem sobre a escuta de bebês e crianças pequenas com base em sua prática na UEIIA, que englobava aspectos relacionados com os espaços destinados a reflexão sobre este tema e a possibilidade de colocá-lo em prática no contexto de trabalho.

CONTEXTUALIZANDO O LÓCUS DA INVESTIGAÇÃO

Retomamos como forma de esclarecimento para o leitor a organização da escola em que a pesquisa se encontra em andamento. A Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo, iniciou como projeto dentro da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) no ano de 1989, atendendo a demanda de funcionários da instituição. Com uma história marcada por muitos embates e lutas em defesa de uma educação pública de qualidade desde a creche a escola foi institucionalizada em 2011. Em 2014, passou a atender bebês e crianças pequenas de toda a comunidade santamariense, tendo seu ingresso mediante inscrição em edital e sorteio público.

Atualmente a Unidade atende crianças de quatro meses até cinco anos e onze meses organizada com sete turmas, das quais duas turmas são exclusivamente de bebês e crianças pequenas e outras cinco turmas com idades variadas, as quais chamamos de turma multi-idade.

No ano de 2017, quando iniciamos a pesquisa, as turmas de bebês e crianças pequenas eram compostas com idades entre cinco meses e um ano e onze meses, e as outras cinco turmas de multi-idade com grupo de crianças a partir de um ano e seis meses até os cinco anos e onze meses. Naquele ano as duas turmas de bebês e crianças pequenas estavam organizadas com idades entre cinco meses e um ano e onze meses, e as turmas multi-idade com grupo de crianças a partir de um ano e onze meses até os cinco anos e onze meses. Considerando esta organização da escola, no decorrer do texto ao nos referimos as turmas DE bebês e crianças pequenas, estamos falando das turmas que, ao longo da história da Unidade, foram compostas por bebês (4 meses a dezoito meses) e crianças pequenas (dezoito

meses aos três anos de idade), e as turmas COM crianças pequenas, as que são as turmas de multi-idade, e que, portanto, possuem algumas crianças nesta faixa etária.

Destacamos ainda que, por ser uma Unidade de Educação Infantil dentro da UFSM a Ipê Amarelo atende ao tripé ensino, pesquisa e extensão desta instituição, sendo espaço de educação e cuidado de crianças, bem como, recebendo acadêmicos dos diferentes cursos de graduação e pós-graduação para realização de pesquisas, estágios, e atividades como bolsistas. Neste contexto, sermos professoras em turmas de e com bebês e crianças pequenas e também na gestão da Unidade, é um desafio que nos move constantemente a refletir sobre a prática e a buscar novos estudos para qualificar os espaços coletivos de educação e cuidado.

A partir de 2022 o compromisso da Unidade, com os processos formativos tornam-se mais intensos, visto que a mesma foi inserida na Portaria Nº 694 do Ministério da Educação, de 23 de setembro de 2022 (BRASIL, 2022), sendo reconhecida como Colégio de Aplicação (CAp). Tornar-se Colégio de Aplicação na rede Federal de Ensino, representou para a UEIIA a necessidade de refletir constantemente sobre assuntos como a docência, a gestão, a pesquisa e a extensão em relação com a perspectiva formativa, fortalecendo a Unidade como campo de estágio para os acadêmicos de graduação, de diferentes cursos, espaço de pesquisa e para os professores em formação continuada, a UEIIA representa também um lugar para aprender sobre a docência.

Compreender o que significa ser um Colégio de Aplicação é, no momento, uma das principais tarefas de toda a equipe da Unidade, que vem se empenhando na articulação entre a Unidade e os cursos de licenciatura da UFSM. Oliveira (2011) pontua que o papel dos Colégios de Aplicação, em relação à formação docente está na articulação com as licenciaturas, articulação esta que permite também fortalecer o tripé ensino, pesquisa e extensão, através dos bolsistas de iniciação científica, de treinamento profissional e de extensão, a autora segue afirmando que “é no estágio curricular das licenciaturas de forma geral e do curso de pedagogia, de forma particular, que o seu papel torna-se fundamental ou, melhor dizendo, imprescindível” (OLIVEIRA, 2011, p. 96).

Desde 2011 a Ipe Amarelo já vinha constituindo-se como uma Unidade Universitária, atendendo as diretrizes estabelecidas para o funcionamento (BRASIL, 2011), mas foi a partir de 2022 que a Unidade avançou no sentido de constituir-se

este espaço preferencial para a prática da formação de professores, recebendo bolsistas do Programa de Incentivo à Docência - PIBID, Residência Pedagógica.

A UEIIA COMO UM LUGAR PARA APRENDER A DOCÊNCIA

A escolha das pessoas a serem entrevistadas foi decorrente da consulta às chamadas arquivadas na Unidade. Consideramos que a consulta aos arquivos poderia nos fornecer informações precisas sobre o ano letivo, a turma e as pessoas responsáveis. Porém, não foram encontrados os arquivos de todos os anos e, quando havia o registro com o nome das crianças que compunham as turmas, não havia a informação da pessoa responsável, ou faltava a faixa etária. Embora esse processo tenha sido desafiador, identificamos um grupo considerável de pessoas que atuavam nas turmas de e com bebês e que, portanto, pudessem contribuir na busca das respostas a pesquisa realizada. No total, foram seis (6) entrevistadas e de acordo com o Termo de Confidencialidade assinado pelas entrevistadas, garantimos a elas o direito ao sigilo de sua identidade, por esta razão serão identificadas neste texto, de acordo com o tempo de atuação na Unidade:

Quadro 1. Tempo de atuação das entrevistadas na UEIIA

Entrevistada	Tempo de atuação na UEIIA
Entrevistada 1	23 anos
Entrevistada 2	16 anos
Entrevistada 3	7 anos
Entrevistada 4	4 anos
Entrevistada 5	4 anos
Entrevistada 6	2 anos

Já a busca dos trabalhos acadêmicos, realizada através dos seguintes marcadores: Ipê Amarelo; bebês; crianças pequenas; creche; Educação Infantil dos 0 aos 3 anos e berçários nos arquivos digitais da UFSM e físicos da UEIIA, aponta a inexistência de trabalhos cujo tema de investigação tenha sido a escuta das crianças. Os cinco (5) trabalhos selecionados possuíam temas distintos sobre bebês, ou citando o trabalho pedagógico com bebês e/ou crianças pequenas em parte dos trabalhos. A partir da análise documental, chegamos à conclusão, que todos eles possuem uma questão em comum: o papel do professor. Assim, a temática que

emergiu dessa análise documental apresenta a importância de refletirmos sobre “O papel do professor com bebês e crianças pequenas”, temática estudada nos encontros de estudos de 2018 e que, subsidiaram as entrevistas realizadas com as professoras que atuaram com bebês e crianças bem pequenas na UEIIA.

Desde o período de criação da UEIIA, em 1986 até 1994 percebe-se que os funcionários não precisavam ter, necessariamente, uma formação na área de educação, por isso o trabalho com bebês e crianças pequenas era marcado por práticas higienistas e assistencialistas “- *A gente via que nos berçários era tudo limpo e tinha o pessoal da enfermagem. Assistente de enfermagem. Antes de nós entrarmos era mais. Era tudo limpo, era propés*” (Entrevistada 2), “-*Era quase hospitalar. Aqueles propés para não sujar ali*” (Entrevistada 1). As vivências formativas, individuais das entrevistadas, aliada a presença, gradual, de funcionários com formação em Pedagogia revelam que, a partir de 1994, iniciou-se um processo de ruptura com algumas dessas práticas e a abertura para algumas reflexões sobre o trabalho pedagógico desenvolvido:

“-E nós na Pedagogia, as estagiárias já vinham com uma visão do brincar de proporcionar brincadeiras para essas crianças, deixar as crianças criarem, as crianças construírem (...), pois quando estávamos lá as políticas públicas, quando a gente estava fazendo pedagogia não tinha nenhum documento para a Educação Infantil. Para a Pré escola. O que se via era os Anos Iniciais. (...)Quando eu cheguei em 94 eu fiquei chocada por que a turminha que estava tinha servidoras antigas contratadas que depois elas foram demitidas no final de 94. Elas tinham uma rotina rígida, chegava quinze para as onze almoçavam e daí quando voltavam já estavam as cortinas fechadas, colchonetes no chão. E era a hora de todos dormir! As crianças que não queriam tinham que ficar deitadas ou era uma coisa bem rígida. Depois que elas saíram começamos a mudar, mas continuava a coisa do sono, por que não tínhamos compreensão que se tem e eu até eu a gente foi evoluindo. Por que a gente entrou na rotina daquela escola e depois fomos evoluindo e as professoras começaram a questionar, por que todos têm que dormir? Quem sabe deixamos quem não quer dormir na brinquedoteca e daí as crianças que não queriam dormir iam para lá ou ficavam no cantinho da sala brincando. Os que queriam dormir dormiam.” (Entrevistada 2).

A partir de 2010, já de acordo com os aspectos legais, exigia-se a formação mínima em nível médio – magistério, mas todas as pessoas contratadas que atuaram nas turmas, possuíam a formação em Pedagogia – Licenciatura Plena. Este é o caso das quatro (4) professoras, que, assim como as servidoras, também trilharam

caminhos diferentes na sua formação complementar na área da educação, tanto em nível de Especialização, Mestrado e Doutorado.

Considerando a relação entre a escuta das crianças e o papel do professor, as entrevistadas apontaram duas possibilidades a serem consideradas: uma relacionando a escuta como subsídio para organização do planejamento, avaliação e possibilidade de reflexão sobre a prática/documentação pedagógica e outra considerando a escuta como subsídio para pensar as relações: criança-criança e criança-adulto, portanto, a UEIIA é vista, pelas entrevistadas como um lugar para viver e aprender diferentes modos de exercício da docência, perpassando o respeito aos direitos das crianças e suas culturas.

Em relação a organização da ação pedagógica, envolvendo especialmente o planejamento as entrevistadas pontuaram sobre a responsabilidade do professor em organizar o planejamento diário, e a partir da escuta das crianças, compreender “o que o bebê quer e o que ele precisa” (Entrevistada 1), uma vez que pela sua formação específica, o professor é capaz de fazer essa relação entre os desejos, as preferências e as necessidades das crianças, ofertando um “repertório de brincadeiras, de vivências, de contato com a natureza” (Entrevistada 1).

Organizar o planejamento diário, tendo como ponto de partida as vozes das crianças não é um processo simples, pois implica em uma disponibilidade - do adulto - para ouvir, acolher, refletir e fazer reverberar as vozes infantis no cotidiano da sala referencial. Na UEIIA esse é um processo constante de (re) construção, pois cada profissional (seja professora, estagiária ou bolsista) que chega na Unidade precisa desconstruir algumas formas de olhar e construir a docência, para construir outras, diferentes. Assim como as pessoas que já estão na Ipê há mais tempo, diariamente deparam-se com essa necessidade, seja pelas interrogações das crianças, pelas dúvidas dos bolsistas ou pelas reflexões tecidas nos encontros de formação continuada, sendo inúmeras as situações que nos levam a (re)pensar a docência diariamente.

O processo de escuta atenta do professor permite elencar elementos que passam a servir de suporte para planejar e pensar o cotidiano de acordo com o interesse da criança. A esse respeito, Holzschuh (2011) menciona em sua monografia a necessidade do educador compreender que a criança deve fazer parte da construção do planejamento, já que a mesma é a protagonista desse processo. E assim, disserta sobre, “o quanto é importante o educador dar voz e vez de todas crianças participarem das atividades e que as mesmas sejam planejadas de acordo com o

interesse das mesmas” (HOLZSCHUH, 2011, p.51). Sabe-se que para o educador pensar dessa maneira há um processo. O professor para pensar e compreender sobre o seu papel com bebês e crianças pequenas precisa considerar a criança um sujeito de direitos e produtora de cultura.

Com o passar do tempo, e o despontar da UEIIA enquanto um espaço formativo, a Entrevistada 2, ao dialogar sobre os processos avaliativos, coloca em evidência a importância da observação e do registro, enquanto elementos necessários para a organização do planejamento, e portanto ferramentas que nos permitem refletir sobre o exercício da docência com as crianças. Nesse processo, observa-se as crianças a fim de conhecê-las na sua individualidade e no coletivo, nas suas interações e brincadeiras, para, a partir disso, pensar a prática pedagógica, as relações entre as crianças e os adultos.

No segundo aspecto a ser considerado quando tratamos da relação entre a escuta e o papel do professor, a escuta como subsídio para pensar as relações: criança-criança e criança-adulto. Nessa perspectiva a Entrevistada 2, destaca que a partir da escuta das crianças existe a possibilidade de redimensionar a docência para que seja uma construção em conjunto com as crianças: ***“Acho que o papel da escuta transforma o professor não naquele que vem e traz o conhecimento, mas naquele que descobre e participa junto”*** (Entrevistada 2).

A entrevistada sinaliza para uma perspectiva de constituição da docência que precisamos repensar, trata-se da presença das crianças. Decorrente de um processo de formação inicial fragilizado e de uma concepção social na qual prevalece a ideia de que quanto menor a criança, menor a qualificação profissional e as exigências na atuação para com eles, a docência na educação infantil ainda carrega um viés da professora que ensina algo a alguém. Porém, as ações dos bebês ora sutis e delicadas, ora intensas e vivas questionam esse padrão de docência, bem como a perspectiva formativa de que o trabalho pode ser baseado na escuta das crianças, não admite tal postura.

Agostinho (2020) quando discute a docência na educação infantil com a participação das crianças, parte de uma concepção de criança em que

As crianças como sujeitos de direitos e de conhecimento são produtoras de sentido e têm “voz”, são legítimas as formas de comunicação e relação que utilizam para expressar seu ponto de vista. Ao fazê-lo, contribuem na renovação e reprodução dos contextos em que participam quando existe quem esteja interessado em ***ouvir suas vozes*** (AGOSTINHO, 2020, p. 378)

A abertura para a presença das crianças na constituição da docência é um movimento recente nos processos de formação de professores, assim como é recente a defesa de uma educação infantil **com** as crianças, aspecto fundamental para “a produção e consolidação de uma sociedade de afirmação de direitos sociais, como espaços de educação democráticos que se contraponham à exclusão social” (AGOSTINHO, p. 379 2020).

Trata-se também de repensar a formação de professores, que para além dos conhecimentos específicos sobre fases do desenvolvimento da criança ou elementos que compõem o planejamento, por exemplo, propicie aos professores em formação a construção de um olhar curioso, investigativo, sensível para/com as crianças, considerando as culturas infantis, de modo que na sua prática pedagógica consiga identificar o que é significativo para o seu grupo de crianças naquele momento, reverberando numa formação humana e democrática.

Diante disso, a qualidade das estratégias e dos materiais disponibilizados no dia-a-dia para enriquecer as experiências das crianças precisa estar aliado com a disponibilidade dos adultos para estar em contato direto e constante com os bebês, seja observando, conversando, brincando, realizando um momento de higiene pessoal, enfim, em todas as circunstâncias possíveis. Para Bondioli (1988) a cumplicidade que se cria entre adulto e criança que estão juntos, “não possui somente o efeito de oferecer à criança uma gama de possibilidades lúdicas posteriores, em relação àquela que poderia experimentar sozinha ou com os colegas, mas também permite ao adulto a redescoberta de aspectos de sua infância esquecida” (BONDIOLI, 1998, p. 227).

Durante o período em que as entrevistadas desenvolveram à docência na UEIIA, todas mencionaram que em algum momento refletia-se sobre os processos de escuta das crianças. Porém, foi possível perceber que essas reflexões adquiriam diferentes formas ao longo dos anos, e gradativamente os bebês foram ganhando espaço nessas discussões. Porém, esse não foi um processo linear de ascensão, ele é marcado por idas e vindas que carregam em si traços dos movimentos individuais, enquanto pessoas, e coletivos, enquanto grupo de pessoas, enquanto instituição, em cada processo.

A Entrevistada 1 visualiza um marco temporal para o início das discussões sobre a escuta das crianças e a presença dos bebês nessas discussões na instituição, para ela enquanto questão “mais institucional de pensar, realmente teve uma grande evolução de se pensar e de se ver a criança como sujeito, eu acho que

teve uma evolução muito grande”, e segue fazendo a referência temporal, sempre respeitando e valorizando quem havia trabalhado antes desse período na instituição “acredito que a escuta como questão institucional teve uma grande evolução, assim, principalmente ali, digamos que 2010 em diante” (ENTREVISTADA 1).

Para que fosse possível avançar na organização de uma proposta pedagógica em que a escuta das crianças tivesse destaque, era necessário estudar sobre isso, dialogar, trocar as experiências e isso acontecia “principalmente nas reuniões de planejamento que era o momento que a gente fazia essa relação (ENTREVISTADA 4). A Entrevistada 4 faz referência a uma questão importantíssima do trabalho do professor: o tempo para planejar, ler, estudar dentro da sua carga horária semanal de trabalho, pois nem sempre as professoras de educação infantil tinham a garantia desse direito. Nas palavras da Entrevistada 2, podemos entender um pouco melhor como aconteciam, ou não, os encontros entre as professoras na UEIIA:

O que eu vejo assim, a questão do refletir que evoluiu muito no Ipê, foi a questão de ter mais espaço para reuniões, encontro de professores. Isso a gente não tinha, aquele momento de trocar experiência era muito difícil, por que nós não tínhamos tempo! Não era respeitado o tempo do professor, exigiam que a gente tivesse com as crianças das quinze para sete da manhã até as sete da noite (ENTREVISTADA 2).

A LDB (BRASIL, 1996) prevê, no inciso V do Artigo 67 que os sistemas de ensino deverão assegurar, dentre outras questões, período reservado a estudos, planejamentos e avaliação incluído na carga horária de trabalho, mas essa especificidade atinge apenas os docentes, deixando de fora estagiários e auxiliares que atuam na Educação Infantil, reiterando a fragilidade dos processos formativos de quem acompanha as crianças na Educação Infantil.

O grupo de entrevistadas também respondeu positivamente quanto a possibilidade de desenvolver o processo de escuta na turma ou no contexto de trabalho, apresentando diferentes nuances sobre como ele acontece. Uma dessas nuances diz respeito a individualidade de cada professora: “-*Que é possível sim, não posso te afirmar categoricamente que todo mundo fazia isso. Mas eu sempre procurava fazer*” (ENTREVISTADA 3). Outra nuance faz relação com a Ipê Amarelo enquanto espaço formativo “-*Na verdade foi na Ipê, que eu comecei a fazer esse exercício de reflexão de olhar para esses sujeitos para poder organizar, não que eu não fizesse isso, mas a questão de trazer para a prática a questão teórica de ter esse olhar mais reflexivo com um baseamento teórico*” (ENTREVISTADA 3). A fala da entrevistada

evidencia que ser docente na Ipê Amarelo implica em ter a oportunidade de deparar-se com outros jeitos de construir a docência na Educação Infantil, visto que a forma como compomos os agrupamentos de crianças e como organizamos o acolhimento das mesmas, a cada início de ano letivo, por exemplo, evidenciam a necessidade de uma docência mais ativa, flexível, perceptiva, projetiva e jamais passiva vinculada a um planejamento único e estático.

A forma como compreendemos e viemos constituindo a docência, ao longo dos anos na UEIIA, em especial em relação aos bebês e crianças bem pequenas, pautada na escuta das suas diferentes formas de comunicação, nos permite pensar que a escuta como a marca de um jeito de ser professora de bebês, que qualifica a nossa ação docente e de certa forma dá as professoras que atuam com esse grupo de crianças um status diferenciado na docência da educação infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas as reflexões tecidas até o momento convergem nos aspectos formativos, os quais foram se modificando ao longo dos anos, atendendo aos momentos históricos e políticos em vigência, em especial no cenário que coloca à UEIIA o compromisso com os processos formativos, sendo uma responsabilidade enquanto Colégio de Aplicação. A prática pedagógica baseada na escuta das crianças e de todo o contexto que a envolve, coloca à Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo um status diferenciado em relação a docência exercida em outros contextos educativos. Não se trata de atribuir juízo de valor ou estabelecer comparativos entre uma prática correta ou modelo a ser seguido, mas de pensar outras possibilidades de construir a docência na Educação Infantil a partir da escuta das crianças, considerando-as nas suas diferentes linguagens.

Para isso, requer-se a garantia de espaços para formação continuada e planejamento, articulando-se todas as pessoas que atuam na turma, por exemplo. Trabalhar a partir da escuta dos bebês e das crianças bem pequenas, requer um trabalho coletivo e comprometido entre todas as pessoas envolvidas no processo educativo das crianças. Em relação aos estágios curriculares, por exemplo, esse processo reverbera num movimento coletivo entre a tríade estagiário - professora regente - orientadora de estágio; esses três sujeitos articulam-se considerando as vozes das crianças, refletem e projetam ações que deverão retornar às crianças de modo significativo.

Em relação aos espaços, institucionalmente, destinados para pensar e refletir sobre a escuta dos bebês e crianças pequenas as entrevistadas foram unânimes em destacar os momentos de formação continuada e os encontros entre as professoras que atuam na turma, para construir o planejamento, além disso, destacou-se a possibilidade de refletir sobre a escuta no dia-a-dia com as crianças. O fato de haver uma proposta institucional não garante um efetivo exercício da docência pautado na escuta, por isso a importância dos espaços de formação continuada e de encontros para diálogos e reflexões entre as pessoas que atuam com o mesmo grupo de crianças. Já os diálogos com outras professoras, fez com que o grupo se deparasse com outros jeitos de construir a docência na Educação Infantil, visto que a forma como compomos os agrupamentos de crianças e como organizamos o acolhimento das mesmas, a cada início de ano letivo, por exemplo, evidenciam a necessidade de uma docência mais ativa, flexível, perceptiva, projetiva e jamais passiva vinculada a um planejamento único e estático.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Katia Adair. A educação infantil com a participação das crianças: algumas reflexões, **Da Investigação às Práticas**, 2016, 6 (1), 69 – 86. Disponível em [A Educação Infantil com a Participação das Crianças: algumas reflexões \(scielo.pt\)](#). Acesso em 10 de Dez. 2023.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez.

_____. **Resolução** CNE/CEB n.01, de 10 de março de 2011. Fixa normas de funcionamento das unidades de Educação Infantil ligadas à Administração Pública Federal direta, suas autarquias e fundações. Brasil, 2011. Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_RES_CNECEBN12011.pdf?query=Brasil. Acesso em 12/12/2022.

_____. **Portaria n. 694**, de 23 de setembro de 2022. Altera a Portaria MEC nº 959, de 27 de setembro de 2013, que trata sobre os Colégios de Aplicação vinculados às Universidades Federais. Brasil, 2022. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/servlet/INPDFViewer?jornal=515&pag>

ina=64&-data=26/09/2022&captchafield=firstAccess#:~:text=PORTARIA%20N%C2%BA%20694%2C%20DE%2023,que%20lhe%20confere%20o%20art. Acesso em 12/12/2022.

BIALOZOR, Simone. Núcleo de Educação Infantil Ipê Amarelo: um estudo de caso. **Monografia** (Especialização em Gestão Educacional). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2006.

BONDIOLI, A. A dimensão lúdica na criança de 0 a 3 anos e na creche. In: BONDIOLI, A.; MANTOVANI, S. (Orgs.). **Manual de educação infantil: de 0 a 3 anos – uma abordagem reflexiva**. 9 ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998, pp. 212-227.

CONTRERAS, José D.; LARA, Nuria P. de (comps.). **Investigar la experiencia educativa**. Madrid: Morata, 2010.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MICHLELAT, G. Sobre a utilização da entrevista não-diretiva em sociologia. In: THOILLENT, M.J.M. **Crítica Metodológica, investigação social e enquete operária**. São Paulo: Polis, 1982.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HOLZSCHUH, Aline Simone. A gestão do planejamento pedagógico no Núcleo de Educação Infantil Ipê Amarelo. **Monografia**/ UFSM/ Especialização em Gestão Educacional. 2011.

SILVA, Angélica Aparecida Ferreira da. Panorama quantitativo e qualitativo das teses sobre creche na área de educação (2007 a 2011). **Dissertação de Mestrado**. Universidade de Brasília, 2014.